



TRABALHO DOMÉSTICO: A DICOTOMIA ENTRE O TRABALHO DE AMOR E O TRABALHO NÃO REMUNERADO

Letícia Gomes Barroso ¹

RESUMO

O intuito desta pesquisa é oferecer um panorama inicial acerca das discussões de trabalho e gênero. Seu escopo, no entanto, se delimita a diferenciar o trabalho doméstico, ainda subestimado, e o trabalho profissional. Além disso, para a abrangência da discussão, delimita-se raça e classe. Para tanto, utilizamos uma metodologia que envolve, inicialmente uma pesquisa exploratória, a fim de conhecer mais sobre a definição de trabalho e seus diferentes estilos, seguindo para uma pesquisa descritiva, qualitativa e bibliográfica. Seu referencial teórico inicia-se com Marx (1983), precursor dos estudos sobre trabalho, seguindo para estudos feministas com Federici (2019) sobre trabalho doméstico não-remunerado, hooks (2019), com o recorte de raça e Fraseer (2019) com um panorama geral do feminismo.

Palavras-chave: Feminismo; Trabalho doméstico; Trabalho não-remunerado; Raça; Gênero.

INTRODUÇÃO

Em uma breve pesquisa em buscadores da internet, pode-se encontrar a definição de trabalho em dois vieses. O primeiro define o trabalho como uma atividade exercida para um determinado fim, e o segundo, como uma atividade profissional que pode ser remunerada ou assalariada. Contudo, desde que os estudos acerca das relações trabalhistas começaram a ser investigadas ainda com Marx (1983), identificou-se que todos os processos trabalhistas estão relacionados com as perspectivas políticas, econômicas e ideológicas, o que faz do trabalho mais do que apenas uma atividade remunerada ou não. O trabalho envolve a discussão sobre alguns processos históricos sociais, tais como as conquistas sociais por direitos trabalhistas, igualdade de gênero e de raça. Todos esses fatores são conectados a movimentos sociais, sejam o movimento feminista em diferentes vertentes, ou o movimento de sindicatos de trabalhadores.

Ao explicar melhor os âmbitos do trabalho, Handy (1992), categoriza o trabalho em pelo menos cinco tipos: o assalariado, o remunerado de acordo com o tempo, o liberal, o doméstico, explicado também como a governança e manutenção de uma casa, o filantrópico e o educativo. Entretanto, apesar de estar junto com os outros tipos de trabalho, o trabalho

¹ Mestre em Comunicação e Territorialidades (Ufes), leticiagomesbarroso@gmail.com.



doméstico implica uma discussão acerca das lutas das mulheres, envolvendo os temas de raça e classe, já que mesmo que todas as mulheres estejam condicionadas pelo sistema capitalista às atividades domésticas não-remuneradas ou remuneradas, a raça e a classe são fatores determinantes para o estabelecimento da relação doméstico-trabalhista. Para tanto, esta pesquisa pretende abrir uma discussão sobre o trabalho doméstico na perspectiva feminista, debatendo as questões históricas de raça, classe e gênero.

Para este fim, utilizamos uma breve pesquisa exploratória, seguindo com uma pesquisa descritiva e também qualitativa-bibliográfica, em que utilizamos alguns elementos do audiovisual para exemplificar o ponto teórico dos autores citados. Sobre o referencial teórico, começamos com uma reflexão acerca do que é trabalho, e os tipos de trabalho já introduzidos por meio de Marx (1983) e Handy (1992) e seguimos para uma perspectiva feminista com Federici (2019), hooks (2019) e Fraseer (2019).

DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, Federici (2019), vê que o anticapitalismo e o esforço para o fim do estabelecimento de papéis de gênero não podem ser tratados como assuntos distintos, mas que se completam. A autora, neste ponto, considera que o trabalho doméstico é um trabalho não-remunerado que permite que papéis de dominação e submissão, tanto de raça como de gênero, reforcem a estrutura do patriarcado capitalista. O trabalho doméstico é historicamente considerado responsabilidade da mulher, já que este foi criado para sustentar uma estrutura de não-remuneração dos afazeres domésticos que fazem com que a engrenagem capitalista esteja em constante funcionamento. A preparação dos alimentos, a arrumação da casa, assim como a criação dos filhos estão diretamente ligadas, na estrutura patriarcal capitalista, a obrigações femininas inatas que devem ser feitas com amor e afeto, visto que são realizados para o bem comum da sociedade.

Vê-se ainda, que mesmo com as discussões do movimento feminista em relação ao trabalho, mulheres são submetidas a jornadas duplas e triplas, já que além de trabalhar em empresas privadas ou em outras casas de família, o trabalho doméstico continua sendo destinado ao feminino. O capitalismo promove, neste ponto, uma ideia de mulher multifacetada de diversas formas. A independência proposta pelo patriarcado capitalista acrescenta novas tarefas como uma resposta às conquistas profissionais das mulheres. A imagem da mulher heroína reflete nas funções de ser uma boa profissional, uma boa mãe e manter a limpeza da casa.

Embora as mulheres já trabalhassem em serviços domésticos antes da ascensão do



movimento feminista, o trabalho doméstico realizado por elas era considerado como secundário, ainda que estes fosse vital para o crescimento profissional de seus companheiros. Outro ponto visto por hooks (2019), é a obrigação de gostar e ser boa em serviços domésticos como parte do ser feminino. Ela diz que, “O feminismo tem sido usado como ferramenta psicológica para fazer mulheres pensarem que o trabalho, que em outra circunstância, enxergariam como entediante, chato e demorado, é libertador. Por isso, existindo ou não feminismo, mulheres precisam trabalhar” (HOOKS, ano, p. 173).

Federici (2019) reflete sobre a concepção de “trabalho com amor” usada para as definições das tarefas direcionadas a mulheres. O “trabalho de amor” é o trabalho não-remunerado em prol da felicidade do companheiro, ou mesmo para a manutenção de estereótipos femininos propostos pela sociedade capitalista. O “de amor” impede com que tais atividades sejam remuneradas, já que, estas também, fazem parte do ser feminino. Independentemente de seu estado civil, Federicci (2019) concorda que o trabalho doméstico é concebido com algo natural das mulheres. Além disso, pode-se ver a sexualização do trabalho doméstico, já que este faz é considerado um dos requisitos para uma mulher atraente e independente. Uma mulher, na concepção do patriarcado capitalista, é composta por todos os atributos pré-estabelecidos, ela deve ser uma boa psicóloga, secretária, pros tituta, para a satisfação de seu companheiro ou sociedade em geral. Para Federici (2019), as palavras “amor”, ou até mesmo “casamento” escondem obrigações femininas e a relação de servidão ao masculino, ainda que a mulher não esteja casada. Nas palavras da autora: “De fato, nosso papel como mulher é sermos servas felizes e sobretudo amorosas da “classe trabalhadora”, isto é, daqueles estratos do proletariado aos quais o capital foi obrigado a conceder mais poder social” (FEDERICI, 2019, p. 44).

RAÇA E CLASSE NO TRABALHO FEMININO

A classe econômica e a raça são, para hooks (2019), fatores que distanciam as vivências femininas em relação à entrada no mercado de trabalho. Para as mulheres brancas, pode ser visto uma imposição multitarefa imposta pelo sistema capitalista. Contudo, estas atingem cargos em empresas fora de suas casas, “terceirizando” o trabalho doméstico para mulheres negras, que, ao contrário destas, saíram de suas casas para fazer as atividades domésticas de outras famílias. Para as mulheres negras, a servidão ao trabalho doméstico em outras casas faz que elas sejam o degrau para que mulheres brancas possam conseguir independência financeira e profissional. Hooks (2019), diz que: “O racismo sexual levou



mulheres negras a serem as que mais sofrem com a necessidade da sociedade de degradar e desvalorizar mulheres. Enquanto mulheres brancas foram colocadas num pedestal simbólico, as negras são vistas como mulheres caídas” (HOOKS, 2019, p. 180).

Cabe a mulher, entretanto, estar pronta para diversas situações no ambiente doméstico. Se a mulher “trabalhar fora”, é importante que ela terceirize a tarefa para outra, mas, o trabalho de gerir e organizar, assim como ensinar sua “ajudante” continua sendo o papel da mulher. O trabalho doméstico, em uma perspectiva histórica, segundo hooks (2019), sempre foi visto como marginal, onde mulheres que ascendiam em suas carreiras imediatamente os transferiam para outras mulheres. A autora recorda que a extensão do papel natural feminino era ainda mais presente na sociedade negra do século XIX. A autora diz que o “trabalho de amor” como mencionado por Federici (2019), não é valorizado, pressupondo que seja feito sem esforço pela mulher, especialmente em relação as mulheres negras, empregadas domésticas de mulheres brancas. Hooks (2019) ressalta que:

[...] mulheres brancas estavam bem dispostas a entregar as tarefas domésticas a empregadas negras. Uma vez que as tarefas domésticas eram vistas como trabalho degradante, é improvável que pessoas brancas estivessem demonstrando favoritismo com as mulheres negras ao proporcionarem a elas esses empregos. É mais provável que pensassem que as mulheres negras, que pessoas brancas acreditavam não ter dignidade e autorrespeito, não teriam vergonha de fazer o trabalho doméstico (HOOKS, 2019, p. 152).

Conecta-se, portanto, com a necessidade de superioridade dos homens negros e brancos e das mulheres brancas, já que o trabalho doméstico é concebido como fraco e sem valor, que não me rece respeito, e, destinado a uma mulher negra. Neste viés, vê-se que não é possível dissociar o machismo e racismo estrutural da sociedade capitalista e ascensão do neoliberalismo. Considera-se que a divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres não é regra na sociedade capitalista, que tem a multifuncionalidade do ser, tal como seu autogerenciamento e capacidade de crescimento como principais alternativas. A força de vontade pregada pelo neoliberalismo não separa as pessoas em classe, raça e gênero, ele parte do princípio de “basta querer”, ignorando os processos históricos e a realidade vigente, tanto quando se trata das mulheres multifacetadas, como das histórias de superação, especialmente femininas e negras promovidas pelo sistema neoliberal.

Em uma perspectiva contemporânea sobre o trabalho doméstico e “sucesso profissional” da mulher por meio do profissionalismo e do individualismo, pode-se citar um vídeo transmitido pelo canal Sponicks, três mulheres feministas, uma de vertente interseccional, outra de vertente liberal e outra radical são postas a mesa de debate juntamente com uma mulher autodenominada não-feminista liberal. Ao serem perguntadas se feministas podem ser liberais ou de qualquer corrente direitista, feminista liberal, Cecília Lopes,



presidente do instituto Lola Brasil, cita como exemplo nomes como Margaret Thatcher, que apesar de ter legalizado o aborto, era assumidamente antifeminista e liberal, não promovendo os discursos sobre o impacto do capitalismo na vida das mulheres e outras minorias. Além disso, a não-feminista, a economista Renata Barreto cita como história de superação, a trajetória de sua empregada doméstica, que, segundo ela, sozinha, conseguiu ganhar mais do que boa parte da população brasileira. Contra as “imposições estatais”, Renata considera que o feminismo é um movimento desnecessário justamente por “impor” como as mulheres devem agir ou se portar. Segundo a economista, cada mulher tem a liberdade de ser o que quiser independentemente de sua classe, raça ou orientação sexual.

Para hooks (2019), entretanto, não é possível estabelecer os debates de classe e raça no sistema de autogestão visto que a história de cada pessoa é diferente, e que, no sistema capitalista, homens negros são vistos de maneira distinta dos homens brancos, assim como mulheres negras são vistas de maneira distinta de mulheres brancas. Para as feministas da segunda onda, de acordo com Fraseer (2019), o objetivo do feminismo é justamente ampliar as diferentes lutas, fazendo delas uma só. Apesar das críticas ao feminismo da segunda onda, a autora finaliza dizendo que:

[...] o feminismo surgiu como parte de um projeto emancipatório mais amplo, onde as lutas contra injustiças de gênero está necessariamente ligadas às lutas contra racismo, o imperialismo, a homofobia e a dominação de classes - e todas elas exigem uma transformação das estruturas profundas da sociedade capitalista (FRASEER, 2019, p. 35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

Para hooks (2019), Fraseer (2019) e Federici (2019), algumas alternativas podem ser pensadas ao analisarmos a relação movimentos sociais e capitalismo. Federici (2019), no âmbito do trabalho doméstico, sugere o salário doméstico, com o objetivo não somente de remuneração pelas atividades, mas pela reflexão acerca da importância dos afazeres para que a sociedade funcione. Já Fraseer (2019) destaca o surgimento do feminismo como uma ampliação das lutas não só do gênero, mas também das estruturas, como o racismo estrutural, o imperialismo, entre outros. Já hooks (2019), finaliza propondo uma alternativa saudável de bem-viver. A autora conclui que:

Liberdade como igualdade social positiva, que garante a todos os seres humanos a oportunidade de determinar seu destino da maneira



mais saudável e comunalmente produtiva, somente poderá ser totalmente ral quando nosso mundo não for mais racista ou sexista (HOOKS, 2019, p. 91).

REFERÊNCIAS

Livros:

FRASEER, Nancy. *Feminismo, capitalismo e astúcia da história*. In. HOLLANDA, Helóisa Buar que de. (org.) **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminis ta**. São Paulo: Elefante, 2019.

HANDY, Charles. **A Era da Irrracionalidade**. Edições Ctop, São Paulo, 1992.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Trad.: Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VÍDEO

SPOTNIKS. **Feminismo, o debate**.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rsgBSbfmvU&t=2959s>. Acesso em 16 de dez. de 2020.